

Escrita acadêmica: atividade dialógica do pesquisador

Academic writing: researcher's dialogical activity

Isabele de Sousa Lima¹
Katia Cilene Ferreira França²

RESUMO:

Este trabalho tem como objeto de estudo a escrita acadêmica, a atividade dialógica que o pesquisador, enquanto sujeito social, realiza com o discurso de *outrem* na elaboração de seu plano de dizer, na construção de artigos que circulam em periódicos científicos, como atividade de pesquisa, como produção de conhecimento da universidade. Escrever uma pesquisa pressupõe convocar outras pesquisas, bem como colocar autores em diálogo. Esse diálogo pode ser observado e analisado a partir das formas da língua. Nesse sentido, delimitamos como objetivo deste trabalho olhar reflexivamente para a materialidade da escrita de artigos científicos, a fim de identificar as operações parafrásticas que o pesquisador realiza ao mobilizar a voz de *outrem* em sua escrita e compreendê-las como pistas que ajudam a entender a construção da filiação do sujeito, que escreve, a uma linha de pensamento teórico. Para esta análise tomamos como ponto de partida os estudos de Bakhtin/Volochinov (2003), segundo o qual cada dizer não pode ser visto como um texto isolado, produzido por uma espécie de *adão criador das palavras* e dos sentidos que carregam, mas como um enunciado compreendido como uma unidade de interação entre sujeitos, como portador de uma genealogia social; na perspectiva de Fuchs (1985) sobre a paráfrase como uma operação linguístico-discursiva para elaboração de novos enunciados; Authier-Revuz (2004) sobre as formas heterogêneas de inserção do outro no discurso pelas formas de alusão e França (2018) sobre a voz referência na constituição da filiação teórica. Como objeto de análise, tomamos artigos coletados em periódicos científicos maranhenses.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; discurso de outrem; filiação teórica.

ABSTRACT:

This work has as its study object the academic writing, the dialogical activity that the researcher, as a social subject, performs with the other's speech in the elaboration of its plan of saying, in the construction of papers that circulate in scientific journals, as a research activity, as university knowledge production. Writing a research involves calling for other researches, as well as putting authors in dialogue. This dialogue can be observed and analyzed from the language forms. In this sense, we define this work objective to look reflexively at the materiality of the writing of scientific papers, in order to identify the paraphrastic operations that the researcher performs when mobilizing the voice of others in his writing and to understand them as clues that help to understand the construction of the subject's affiliation, who writes, to a theoretical line of thought. For this analysis we take as a starting point the studies of Bakhtin / Volochinov (2003), according to which each saying cannot be seen as an isolated text, produced by a kind of *Adam creator of words* and the meanings they carry, but as a statement understood as a unit of interaction between subjects, as a carrier of a social genealogy; in Fuchs' (1985) perspective on paraphrase as a linguistic-discursive operation for the elaboration of new statements; Authier-Revuz (2004) on the heterogeneous forms of insertion of the other in the speech by the forms of allusion and França (2018) on the reference voice in the constitution of theoretical affiliation. As an object of analysis, we take papers collected in scientific journals in Maranhão.

Keywords: Academic writing; other's speech; theoretical affiliation.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus São Bernardo. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Maranhão (FAPEMA). Integrante do Grupo de Estudo Escrita e Produção de Saberes (GEEPS/UFMA). E-mail: isabelelima2016@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2059-569x>.

² Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (2001), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2009) e doutorado em Estudos da Linguagem, área de concentração em estudos da Linguística Teórica e Descritiva, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2018). Atualmente é professora de Língua Portuguesa, do curso de Linguagens e Códigos, da UFMA- Campus São Bernardo. E-mail: katiacfranca@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7756-9121>.

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

Introdução

O presente trabalho trata de uma escrita de pesquisadora de iniciação científica, ligada ao Grupo de Estudos Escrita e Produção de Saberes – (GEEPS), no qual esta investigação se insere. Nosso objetivo é olhar reflexivamente para artigos científicos a fim de analisar as operações parafrásticas que o pesquisador realiza ao mobilizar a voz de *outrem* em sua escrita e compreendê-las como pistas que ajudam a entender a construção da filiação teórica. Nesta pesquisa nos empenhamos em observar artigos de periódico da área de Letras, especificamente de periódicos maranhenses, estudar pela materialidade desses artigos as operações parafrásticas que o pesquisador realiza para mostrar-se filiado a uma linha de pesquisa, a autores que representam pontos de vistas teóricos e que são tratados, na escrita, como aporte norteador da pesquisa.

A escrita acadêmica exige, daquele que escreve, o diálogo com vozes reconhecidas cientificamente. Esse diálogo, marcado pela indicação do nome próprio de autores, nos permite pensar sobre a importância do papel do outro que é citado como forma de legitimação. Trata-se de que a citação, como forma de reconhecimento de estudos antecedentes, demonstra os modos de interação entre o dizer do outro e o próprio dizer, entre a palavra alheia e a minha palavra. Esse diálogo não é mecânico, como diz Bakhtin ele envolve a compreensão ativa, responsiva e responsável de quem cita, envolve a relação com as regras da cultura acadêmica.

O diálogo com outras vozes, na escrita acadêmica, requer o atravessamento de enunciados já ditos, o pesquisador os marca em sua escrita através dos esquemas linguísticos-discursivos, são eles (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre), esquemas que mostram como o pesquisador recupera vozes que contribuem para o ponto de vista que ele busca deixar à mostra. Esse esquema de discurso citado tem uma estrutura a ser obedecida, seguida por aqueles que estão imersos dentro dessa esfera de comunicação.

Nesse sentido, ao construir um novo dizer, a paráfrase é identificada como um desses esquemas linguísticos-discursivos. A paráfrase é um indício da atividade dialógica do pesquisador com autores que fundamentam a discussão levantada. Dito isso, o pesquisador faz jogos parafrásticos para se colocar como filiado a uma linha de

ISSN: 2359-1064

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

pensamento teórico. O sentido de filiação é problematizado na concepção de França (2018), que a partir de teses de doutorado mostra como os autores citados na escrita acadêmica ocupam diferentes posições e funções.

Esse movimento nos faz refletir sobre a importância de investigar tais estudos a fim de compreender melhor o sentido de produção de conhecimento científico que se materializa e socializa a partir dos periódicos científicos. Os periódicos não são apenas suporte de divulgação da produção científica, mas produções escritas que ajudam a entender a concepção de ciência e de filiação teórica.

Ao considerarmos que as revistas científicas desempenham um papel fundamental na circulação de informações científicas, possibilitando fácil acesso a propagação de conhecimentos de diferentes áreas e contribuindo para a circulação de novas descobertas, questionamos: que operações linguístico-discursivas o pesquisador realiza para mostrar e validar essa filiação?

Essa pergunta nos apontou uma série de operações, mas uma tornou-se nosso objeto de observação: a paráfrase. Nesse sentido, olhar para esses artigos, fazer uma parada reflexiva direcionada ao discurso citado, ao modo como o pesquisador compreende e mobiliza a palavra alheia a partir da paráfrase, enquanto atividade do discurso, no e sobre o discurso; da enunciação, na e sobre a enunciação (BAKHTIN, 2006).

A pergunta que orienta a construção deste trabalho é embasada na concepção de que todo discurso dialoga com outros discursos, e ao ser proferido, ele carrega na materialidade da língua marcas da presença do outro, portanto, busca-se compreender: como o pesquisador mobiliza, a partir da paráfrase, vozes e deixa à mostra sua filiação a uma linha de pensamento teórico?

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa *Filiação teórica e produção científica: análise dos periódicos maranhenses*, que vem sendo desenvolvido como uma atividade do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e da Fundação de Amparo à Pesquisa no Maranhão (FAPEMA).

Para fundamentar esta discussão, propomos uma reflexão, com base em Bakhtin/Volochinov (2003), sobre o dialogismo e discurso outro; Fuchs (1985) sobre a



LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

concepção dos tipos de paráfrase e França (2018) sobre filiação teórica na escrita acadêmica.

Quanto ao aspecto estrutural, este trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro momento será discutido os aportes teóricos que fundamentam o trabalho; no segundo momento, as análises dos fragmentos selecionados e recortados do periódico e, por último, apresentarei as considerações finais diante das operações levantadas e analisadas.

O discurso outro e a filiação teórica

A concepção bakhtiniana da linguagem defende que a produção de enunciados é uma atividade dialógica constitutivamente atravessada por discursos outros, por já ditos. Os enunciados estão repletos de traços e expressões advindas de esferas sociais diferentes. Desta forma, falar, escrever é estabelecer diálogo com outras enunciações, discursos, ou melhor, vozes alheias. Bakhtin (2003) destaca o peso ideológico no processo de produção de sentido, para ele, a aprendizagem da língua e a produção de enunciado acontece nas atividades de interação das quais o sujeito participa, assim aprende os sentidos que circulam.

O autor destaca que os enunciados estão atravessados por outras vozes e é uma unidade discursiva concreta. Cada enunciado elaborado pelo sujeito está carregado de sentidos de discurso de *outrem*. Para Bakhtin (2003, p.319) “Um locutor não é Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear”, logo, o sujeito não se manifesta isoladamente, ele não é visto como um criador da palavra totalmente original, mas como um sujeito que está constitutivamente atravessado pelo outro na elaboração do dizer.

Para Bakhtin (2006), a retomada de sentidos dados não significa dizer que os sentidos são exatos. Para ele, há um jogo entre o dado, ou seja, os sentidos que já estão postos; e os novos sentidos, que vão sendo criados a partir do sentido dado e para isso torna-se necessário à compreensão responsiva do sujeito. Os sentidos criados têm a ver com o que o sujeito faz com os sentidos que já estão circulando e como ele vai construir novos sentidos. Essa retomada envolve a construção de um enunciado elaborado como

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

atividade de interação contextualizado. Essa relação entre o dado e o criado diz respeito a própria concepção de filiação no sentido de que já se tem algo posto, que circula em uma esfera de comunicação e pertence a uma linha teórica e que, na tentativa de fazer parte dessa família teórica, o sujeito deve trazer uma novidade, algo que acrescente a essa teoria.

Na concepção bakhtiniana, os enunciados são compreendidos como acontecimentos únicos realizados pelo sujeito em um determinado tempo e espaço. Não há como dizer do mesmo modo aquilo que já foi dito, uma vez que a enunciação não será a mesma, as condições de produção são outras e a cada repetição uma nova ideia enunciativa se origina e modifica o já dito, possibilitando ao sujeito uma nova interpretação do discurso outro, uma nova interpretação do enunciado alheio. Bakhtin (2003, p.314) argumenta que:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (BAKHTIN, 2003, p.314).

Bakhtin nos esclarece esta noção de *outro*, que deve ser entendida não como um objeto exterior de que se fala, mas como uma condição do discurso. Em enunciados escritos, como em artigos científicos, a citação marca o lugar do discurso de *outrem* em relação ao dizer do pesquisador, indicia o diálogo de concordância ou discordância, continuidade ou ruptura entre o pesquisador e os outros que o antecedem, ao mesmo tempo que se dirige a alguém, ou seja, enunciar é colocar em cena vários outros para a construção de um novo dizer.

Bakhtin chama atenção para a importância de estudar as formas de discurso citado, as quais podem ser observadas a partir da materialidade dos enunciados, dos esquemas sintáticos que deixam à mostra o discurso outro, a reação da palavra à palavra. Fiorin (2018), com base nessa concepção bakhtiniana, diz que as formas sintáticas de discurso citado, identificadas a partir de recursos como aspas ou a identificação nominal do autor, são modos de pôr à mostra o dialogismo no funcionamento da comunicação verbal. Nas palavras do autor:

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

Há duas formas de inserir o discurso do outro no enunciado: a) uma, em que o discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante é o que Bakhtin chama de discurso objetivado; b) outra, em que o discurso é bivocal, internamente dialogizado, em que não há separação muito nítida entre o enunciado citante e o citado (FIORIN, 2018, p.37).

A primeira discute sobre os esquemas de discurso citado (discurso direto e discurso indireto) como uma reação da palavra à palavra. Mobiliza o uso de aspas como forma de isolar as palavras daquele que cita com as palavras daquele que é citado. Já a segunda forma de apresentação da voz do outro, a bivocal, é marcada pela paródia, estilização, polêmica clara e velada e pelo discurso indireto livre. Essas formas de representação do discurso outro possuem a presença de mais de uma voz dentro do enunciado. Trata-se de uma espécie de ausência de bordas entre a palavra do outro e a palavra do eu, o locutor expõe sua interpretação sobre o discurso outrem.

Nessa segunda forma de apresentação percebemos essa mistura de vozes, porém não conseguimos identificar abertamente essas fronteiras. É o que acontece na construção da paráfrase, na atividade de dizer o que o outro disse, em tornar a palavra-alheia-minha e assim mostrar a familiaridade com a voz citada, especialmente quando se trata da produção de enunciados que circulam como escrita acadêmica, como escrita de uma pesquisa.

O discurso citado não é só um recurso linguístico ou uma norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) sobre como registrar a palavra do outro, mas uma operação discursiva da palavra do outro, sendo um fator imprescindível dentro do texto científico. Colocar um discurso dentro de um texto científico significa que a discussão que está sendo posta em cena não se sustenta só na palavra, ou seja, existe alguém que discutiu aquilo que o pesquisador está discutindo, vozes que vão sendo recuperadas para dentro da discussão como fundamentação.

A citação, enquanto esquema de discurso outro, como diz Volochinov (2017, p. 250), deixa ver a reação ativa de um enunciado com o outro, a partir das formas da língua, “o discurso alheio é concebido pelo falante como um enunciado de outro sujeito, em princípio totalmente autônomo, finalizado do ponto de vista da construção e fora do contexto em questão”. É, a partir dessa condição de independência, que o discurso outro

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

é recortado de um enunciado e transferido para o dizer do locutor, do pesquisador que elabora sua escrita com um enunciado autoral, um dizer que incorpora e mostra a palavra alheia a partir de esquemas de citação. O enunciado alheio no enunciado autoral pode ser visto, segundo França (2018), como uma pista para entendermos como se dá a constituição da filiação teórica na escrita de uma pesquisa.

O sentido de filiação teórica parte dos estudos de França (2018) diz que os discursos citados na escrita científica ocupam posição e funções diferenciadas, tal como acontece na estrutura de parentesco na qual cada membro da família (pai, mãe, filho) ocupa um lugar e funções diferentes. A citação do discurso outro, nessa perspectiva, é tratada como pista para observação da relação entre as vozes convocadas e o papel que desempenham na pesquisa. Segundo a autora, a filiação teórica deve ser vista como

uma atividade cultural e não como uma ação individual e independente realizada pelo pesquisador, pois, se há família, há regras de organização, há diretos e deveres entre os membros, há traços comuns que lhes permitem duplamente se reconhecerem como parentes e ao mesmo tempo serem identificados por quem os observa de fora. (FRANÇA, 2018, p.24)

A filiação, que não se resume ao anúncio de autores, diz respeito ao gerenciamento da palavra alheia, das diferentes vozes às quais o pesquisador busca aproximar-se ou distanciar-se. Essa escolha do pesquisador não é um movimento impensado, mas um jogo que mostra em qual linha teórica ele pretende se firmar, esta escolha de linha de pesquisa implica nos riscos que o pesquisador estabelece ao mobilizar a voz alheia e não adulterar o sentido exato. Pretendemos observar o discurso citado, especificamente, os jogos parafrásticos feito pelo pesquisador, na intenção de entender o que eles dizem sobre a filiação teórica, uma vez que, na escrita acadêmica, o pesquisador precisa deixar marcada a linha teórica que ele desejou seguir para construir sua discussão.

Olharemos a paráfrase como indícios a partir dos quais é possível reconstruir fatos, explorar o modo como o pesquisador traz o discurso outro na própria escrita, pelas próprias palavras. Nesse processo de tradução da palavra alheia, não há espaço para passividade, pois o ato de ouvir, ler, falar, escrever e compreender é sempre uma resposta ativa do sujeito. A paráfrase e a alusão são estratégias do pesquisador se

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

aventurar nessa escrita a partir de sua compreensão ativa e marcar sua filiação a partir de já ditos com os quais o sujeito interage.

Vale ressaltar que o pesquisador se colocar como filiado a determinado teórico, não significa que o pesquisador esteja em uma filiação cega, que não possa dar os próprios passos e manifestar sua autoria nas discussões, mas que ele carrega sim o nome do pai, porém busca também seu reconhecimento.

A paráfrase e a escrita acadêmica

A paráfrase é uma operação linguístico-discursiva que compartilha todo processo de leitura, compreensão e reprodução textual com base em um texto-fonte, a fim de expressar novas ideias. Na visão de Fuchs (1985), a paráfrase consiste em uma atividade de reformulação e construção de um novo texto apoiado em um texto-fonte, ou seja, ao parafrasear, o sujeito busca repetir por meio de outras palavras o que o outro já disse, ou então, explicar melhor o sentido original existente. Portanto, a paráfrase não deve ser vista apenas como uma modificação do texto original, mas como um novo texto com o ponto de vista do pesquisador, uma espécie de filtro feito pelo sujeito. Ao parafrasear, ele assume uma responsabilidade maior com a palavra do outro, uma vez que ele se coloca no lugar daquele que é capaz de ler, entender e dizer com as próprias palavras sem perder o sentido original do texto-fonte.

Para Fuchs (1985, p.134), “o trabalho de interpretação é variável segundo os sujeitos e as situações: cada um percebe e, conseqüentemente, restaura o texto de forma diferente”, sendo assim, a paráfrase se mostra não somente pela sua estrutura sintática, mas pela atividade interpretativa, um jogo de negociação que envolve a palavra alheia e os sentidos que ela carrega.

Fuchs (1985) apresenta a paráfrase como atividade complexa, e explora o sentido dessa operação a partir de três perspectivas: a) a lógica da equivalência formal, b) a gramatical da sinonímia e c) a retórica da reformulação. Na perspectiva lógica, a paráfrase está ligada à equivalência, ou seja, quando dois enunciados possuem o mesmo “valor verdade”, serem correspondentes um ao outro, compartilharem de um mesmo



LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

significado, seja ele verdadeiro ou falso. Logo, se caso não houver uma correspondência de significação, a noção de paráfrase fica afetada.

A referida autora evidencia que não é simples empregar a noção de “valor verdade”, pois, embora as palavras tenham um sentido próximo, ao fazer esta aproximação dos sentidos dos enunciados, existem situações que esse sentido muda, desse modo, essa noção se aplica com dificuldades aos enunciados da língua, uma vez que a paráfrase envolve pontos de vistas diferentes e isso ocorre devido a atividade interpretativa acontecer em condições e experiências diferentes daquele que interpreta, ou seja, os sujeitos percebem e compreendem o texto de modos diferentes.

A parafraseagem exige uma responsabilidade com o enunciado outro, com a escolha da melhor palavra e dos sentidos que carregam para dizer o que já foi dito, em tornar os enunciados equivalentes um ao outro. Também podemos observar o conceito de equivalência quando há uma alternância sintática nessa parafraseagem da voz *ativa* x *passiva* no plano do discurso.

A segunda perspectiva de paráfrase, denominada gramatical da sinonímia, vê a paráfrase como sinonímia de frases. Neste viés gramatical, a sinonímia deve possuir relação de sentido correspondente entre a substituição de um termo lexical para outro, pois é necessário que ao fazer esse jogo de troca de uma palavra para outra, não se altere o valor semântico do termo original. Nesse jogo da sinonímia, os sinônimos não restauram completamente o sentido referenciado. Na busca de substituir um termo por outro que corresponda ao mesmo campo semântico, pode acontecer de uma palavra não restaurar bem o sentido original, a palavra substituída não se aplicar de forma correta naquele contexto, uma vez que uma palavra pode apresentar diferentes sentidos dependendo do contexto na qual está inserida. Portanto, a escolha de um sinônimo não deve ser um movimento impensado, feito de qualquer jeito, mas um movimento que deve ser bem pensado e analisado, de escolha da melhor palavra que abarque o sentido referenciado, que melhor faça a aproximação do que se deseja.

A terceira perspectiva, classificada como retórica da reformulação, trata-se de “atividade efetiva de reformulação pela qual o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-secundo” (FUCHS, 1985, p.133). Aqui, o pesquisador emprega um jogo maior de

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

alterações de palavras, retirando até mesmo termos essenciais que possuem um enorme valor semântico para aquele discurso original e dá um novo pensamento ao seu texto, diferente da ideia do discurso fonte. É como se ele se desprendesse do significado real e colocasse um novo significado. A paráfrase por reformulação permite que o pesquisador se aventure mais e assuma uma posição a partir do que leu e compreendeu. Esta paráfrase exige um comprometimento maior do sujeito no que se refere a restauração do texto original.

O ponto de vista de Fuchs, nos ajuda a observar o modo como as vozes são recuperadas na escrita acadêmica, demonstra em certa medida, uma apropriação por parte do pesquisador, das regras da cultura acadêmica e das regras específicas da linha de pesquisa na qual ele se filia. Sobre a especificidade de olhar para a paráfrase na escrita acadêmica, buscamos a pesquisa de Miranda (2019) que trata a paráfrase como um jogo que revela a posição enunciativa dos sujeitos com a teoria.

Para Miranda (2019), o uso de paráfrase em um texto científico pode indicar um processo de maturidade com aquilo que se decidiu discutir. A paráfrase é um modo de colocar à mostra a relação dialógica marcada, uma espécie de cruzamento entre o discurso outro e o próprio dizer do pesquisador, sua compreensão responsiva realiza a paráfrase para se colocar como filiado teoricamente. É pisar em terreno movediço, isso porque o discurso outro, que será parafraseado, carrega sentidos cientificamente legitimados, representam concepções teóricas que não podem ser adulteradas, especialmente por aqueles que constroem a paráfrase como uma estratégia para marcar a filiação teórica.

A paráfrase, então, é uma atividade marcada pela tensão e pela vigilância, que pode ser observada quando se trata de analisar artigos em periódicos científicos.

Entre as formas heterogêneas de inserção do outro no discurso, cabe agora abriremos parênteses nessa discussão para a alusão, ou seja, a presença do outro no discurso do pesquisador pelas formas de alusão, especificamente a de Authier-Revuz (2004). Essa autora problematiza a heterogeneidade a partir da noção de heterogeneidade enunciativa, apresentada em duas perspectivas: a primeira é a mostrada e a segunda é a constitutiva. Na primeira perspectiva de heterogeneidade, à mostrada, o outro pode estar presente no enunciado do pesquisador de forma marcada ou não

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

marcada na materialidade do texto, ou seja, quando marcada, vemos formas explícitas dessa menção ao outro, por exemplo, as formas sintáticas de (discurso direto e discurso indireto). Já a forma não marcada dessa heterogeneidade, é quando o outro está presente no enunciado do pesquisador sem uma sinalização objetiva referente ao nome próprio na qual o pesquisador se fundamenta, ou seja, não é marcado explicitamente o outro no discurso. O pesquisador faz uma discussão que retoma a voz alheia, mas essa voz não é citada no corpo do texto.

Consideramos, assim, a alusão um exemplo dessa noção de heterogeneidade mostrada, não marcada, que Authier-Revuz (2004) aponta, ou seja, quando o sujeito retoma a voz alheia sem uma sinalização objetiva dessa voz no discurso dele. O sujeito não diz claramente a quem está se referindo, ele não marca na materialidade esse nome legitimado. Desse modo, compreendemos que há sim o diálogo com outros discursos, outros discursos são retomados para a sua escrita, mas não está explícito esta menção ao outro. Porém, quando ele faz esta estratégia alusiva no seu enunciado, é possível perceber indícios do outro presente, se considerarmos a linha de pesquisa que ele discute.

Sendo assim, o sujeito deixa pistas, faz insinuações de conceitos que pertencem a uma linha de pensamento teórica. Portanto, a alusão é também uma estratégia do pesquisador em dizer o que outro disse, de estabelecer um diálogo com autores, de se aventurar com a palavra outro.

Entretanto, para entender esta estratégia textual de ressignificação de um enunciado a partir de jogos alusivos, Miranda (2019, p.127) diz “entendemos a alusão como uma situação de heterogeneidade mostrada sem ruptura sintática, mas que apresenta outros indícios (como as marcas tipográficas e a ilha textual)”, isto é, para a autora, esta retomada não explícita do outro, pode mostrar trechos de um texto fonte específico, sendo possível identificar o dizer ao qual se faz referência.

Portanto, na escrita acadêmica, ao construir um enunciado, o pesquisador deve retomar outros enunciados para fundamentar sua ideia, citar e marcar o outro como fonte de enunciado daquele que cita e a paráfrase é um indício constante em textos científicos desse movimento, como estratégia de ressignificar o discurso outro. Entretanto, a alusão



LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

é também uma estratégia textual feita pelo pesquisador, a qual busca uma propriedade enunciativa maior do pesquisador com a voz alheia.

Paráfrase: os movimentos de reformulação do dizer do outro no artigo em análise

Levando em conta a proposta de nosso plano de trabalho, que se volta para o estudo de artigos científicos de periódicos maranhenses da área de Letras, nos concentramos em edições *online* da revista “Littera”. Catalogamos os números dessa revista no período de 2019 a 2020, verificamos que há uma regularidade quanto aos autores convocados para discutir questões sobre língua e ensino, ou seja, quanto às vozes mobilizadas para mostrar a filiação teórica.

Para fins metodológicos, cabe informar que os textos utilizados nessa pesquisa serão nomeados da seguinte forma: nomeamos o nosso *corpus* de análise de AT1 (2018), ou seja, Artigo1, seguido com o ano de sua publicação, nomeamos o pesquisador em questão de P1 (Pesquisador 1) e os excertos fazem referência aos seguintes textos fontes: Street (2006), Maingueneau (1997) e Maingueneau (2008). Portanto, sempre que retomarmos o *corpus* analisado, o pesquisador em questão e os textos fontes, serão vistos por essas nomeações.

O AT1 (2018), intitulado *O LETRAMENTO ESCOLAR É UMA PRÁTICA DISCURSIVA?* nos chamou atenção por quebrar essa regularidade e discutir questões sobre o letramento escolar a partir de Dominique Maingueneau.

O AT1 (2018), faz uma aproximação entre duas áreas: Análise do Discurso e Educação. O P1 para discutir sobre o letramento escolar convoca vários autores reconhecidos pelos estudos voltados para a referida temática, entre eles: Brian Street, Clecio Buzen, Angela Kleiman, Roxane Rojo; no entanto é à Dominique Maingueneau, da Análise do Discurso, que o P1 busca mostrar sua filiação, como se pode verificar no trecho do AT1 (2018), “filiado ao quadro teórico desenvolvido por Dominique Maingueneau” (p.179). Este último autor, assume a posição de destaque entre as demais vozes, ele orienta as discussões do AT1 (2018).



LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

A análise da escrita em questão nos possibilitou levantar operações parafrásticas mobilizadas pelo P1 de modo a se mostrar filiado a Maingueneau e ao mesmo tempo dialogar com autores que discutem sobre letramento na escola.

Os quadros a seguir mostram o percurso da escrita do P1 em três momentos: a ligação a autores que discutem sobre letramento, o diálogo delimitado com Maingueneau e as fronteiras entre a paráfrase e a alusão. Para apresentar esses movimentos, organizamos os dados em quadros de duas colunas, considerando a relação comparativa entre o excerto do texto fonte e o excerto do texto reformulado: AT1 (2018). Vamos identificar o texto fonte com a seguinte forma (AUTOR, ano, página). Quanto ao texto reformulado, vamos utilizar a identificação do artigo AT1 (2018) e o número da página da qual foi retirada o excerto analisado.

A ligação a autores que discutem sobre letramento

Pesquisar sobre o letramento implica dialogar com estudos, com autores que investigam essa temática. No quadro a seguir, apresentamos esse diálogo a partir da paráfrase que o P1 faz do discurso de Brian Street, do artigo Perspectiva Interculturais sobre o Letramento (2006). O primeiro excerto do quadro a seguir, faz referência ao texto fonte de Street (2006), e o segundo excerto é recortado da fundamentação teórica do P1, do artigo AT1 (2018), sessão intitulada Letramento escolar: práticas, eventos, agências e agentes de letramento.

QUADRO (1) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 1

Texto fonte/Street (2006)	P1/AT1 (2018)
O poder de definir e de nomear é em si mesmo um dos aspectos essenciais dos usos do letramento, de modo que precisamos ser ainda mais cuidadosos acerca dos termos ao abordar o próprio letramento. De acordo com isso, proponho alguns conceitos-chave como um tipo de esquema no qual encaixar descrições do letramento em prática. Prefiro,	Brian Street (2006) prefere usar o termo práticas de letramento – como modo de evidenciar a diversidade e multiplicidade de letramentos – ao termo letramento, por considerar que existem diversos e diferentes modos de representarmos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e culturais, tempos e

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

antes de mais nada, falar de práticas de letramento do que de “letramento como tal” Existem vários modos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e o testemunho de sociedades e épocas diferentes demonstra que é enganoso pensar em uma coisa única e compacta chamada letramento. (STREET, 2006, p.465 - 466)	espaços, épocas e sociedades. (AT1, 2018, p.182)
---	---

Fonte: Street (2006)

Fonte: P1/AT1 (2018)

É possível observar no texto segundo, AT1 (2018), que o P1 realiza operações que deixam ver sua posição analítica. Ele começa fazendo menção ao nome próprio seguido do ano, “**Street (2006)**”, ou seja, situa a voz retomada e anuncia a própria compreensão sobre o discurso citado no que se refere às práticas de letramento.

A citação indireta é mobilizada como uma forma de buscar um dizer autoral de quem quer produzir a partir da palavra alheia, mas uma observação atenta ao que parece ser a expressão da própria palavra do P1, mostra a dificuldade de abrir mão das palavras do texto fonte. O P1 se prende às palavras de Street, como eco das palavras do autor fonte, um movimento que parece mais distante da produção de enunciados e mais próximo da colagem da palavra do outro.

Se compararmos o fragmento do enunciado do P1/AT1 (2018) ao enunciado de Street (2006), percebemos como a paráfrase pode se apresentar como um movimento de reformulação e aderência às palavras alheias. No texto fonte, de Street (2006), “**Prefiro, antes de mais nada, falar de práticas de letramento do que de ‘letramento como tal’**”, o autor fonte se posiciona em relação ao uso de dois termos: letramentos e práticas de letramentos, como se vê no verbo “**prefiro**”. O P1, retoma Street porque esse é um conceito-chave do artigo em questão. No AT1 (2018), ao fazer retomada as palavras de Street, o P1 preserva o uso do verbo “**preferir**” como mostra no excerto desse artigo, “**Brian Street (2006) prefere usar o termo prática de letramento (...)**”, ou seja, o P1 realiza uma operação que Authier-Revuz (2004) chama de controle regulagem da

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

comunicação que, aos olhos do locutor, são vistas como normais e garantias de sentidos. Essa operação vemos na construção da paráfrase como um todo. A troca dos termos “vários” por “diversos”; a inversão da expressão “modos diferentes” por “diferentes modos” estabelecem o jogo que Fuchs (1985) aponta de sinonímia e equivalência como operações de garantias de sentidos.

Street (2006) explica que o sentido de letramento não é “uma coisa única e compacta”, diz que “**Existem vários modos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais**”. Essa explicação que aparece como se fosse uma paráfrase, na escrita do P1, não mostra uma posição analítica da atividade de reformulação.

Ao escrever “**existem diversos e diferentes modos de representarmos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e culturais, tempos e espaços, épocas e sociedades**”, o P1 realiza uma atividade de incorporação da palavra alheia, pela simulação da posição analítica a partir do esquema do discurso indireto.

Nesse fragmento, o P1 inclui palavras que especificam o substantivo “contexto”, no entanto essa inclusão não caracteriza a posição de quem se aventura a dizer e a correr os riscos de tradutor do discurso alheio. O diálogo que o P1 realiza com Street sobre o conceito de letramento é feito com o cuidado de quem busca preservar sentidos pela incorporação e aderência à palavra alheia tal qual foi dita no texto fonte.

O diálogo delimitado com Maingueneau

Para apresentar esses movimentos, organizamos os dados considerando a relação comparativa entre o fragmento do texto fonte, recortado dos livros de Maingueneau: *Novas tendências em Análise do Discurso* (1997) e *Gênese do Discurso* (2008) e o fragmento reformulado, foi recortado da escrita do P1 do AT1 (2018).

No quadro a seguir, o fragmento do texto fonte integra o livro *Novas tendências em Análise do Discurso*, capítulo que trata sobre *Prática discursiva*. E o fragmento segundo situa-se na fundamentação teórica do P1, do AT1 (2018), na sessão intitulada *A prática discursiva em Dominique Maingueneau*.

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

QUADRO (2) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 2

Texto fonte/Maingueneau (1997)	P1/AT1 (2018)
Dito de outra forma, é preciso articular as coerções que possibilitam a formação discursiva com as que possibilitam o grupo, já que estas duas instâncias são conduzidas pela mesma lógica. Não se dirá, pois, que o grupo gera um discurso do exterior, mas que a <i>instituição-discursiva</i> possui, de alguma forma, duas faces, uma que diz respeito ao social e a outra, à linguagem. (MAINGUENEAU, 1997, p.55)	Percebendo que é preciso articular as coerções que possibilitam uma formação discursivas e as coerções que possibilitam o grupo, já que ambas as instâncias seguem a mesma lógica, Maingueneau (1997) afirma que a instituição discursiva possui duas faces: uma relacionada ao social e outra relacionada à linguagem. (AT1, 2018, p.188)

Fonte: Maingueneau (1997)

Fonte: P1/AT1 (2018)

No texto reformulado, vemos uma operação parafrástica em que a voz de Maingueneau (1997) se mostra antes mesmo de ser anunciada e marcada como texto fonte, o P1 faz um jogo em que a voz alheia é mobilizada antes mas não é sinalizada. Observamos nessa operação que a paráfrase de reformulação parece não ter limites precisos na materialidade da escrita.

No AT1 (2018), o texto reformulado está organizado em duas partes: uma sem marcação da palavra alheia “**Percebendo que é preciso articular as coerções que possibilitam uma formação discursivas e as coerções que possibilitam o grupo, já que ambas as instâncias seguem a mesma lógica**” e outra como uma citação indireta de Maingueneau “**Maingueneau (1997) afirma que a instituição discursiva possui duas faces: uma relacionada ao social e outra relacionada à linguagem**”. Essa divisão gera um efeito de encontro entre o enunciado autoral do P1 e a paráfrase da voz de Maingueneau, autor ao qual o P1 busca marcar a sua filiação teórica. No entanto, se compararmos o fragmento do texto fonte, de Maingueneau (1997), ao fragmento do AT1 (2018), vemos que essa divisão é apenas aparente, pois o enunciado é construído em diálogo estreito com a retomada das palavras de Maingueneau, já que no AT1 (2018) a

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

primeira parte consiste na reprodução do texto fonte, enquanto a segunda parte pode ser considerada uma reformulação na qual os sentidos serão alterados.

No texto fonte, Maingueneau usa o termo “instituição-discursiva” em itálico e como substantivo composto. O destaque da palavra funciona como uma ressalva para que o interlocutor ponha em suspenso os sentidos sobre as duas palavras que circulam separadamente. Instituição-discursiva no texto fonte corresponde a um só termo, ou seja, a nomeação de algo, mas no texto reformulado, do AT1 (2018), o P1 transforma o substantivo composto em dois termos - “instituição discursiva” - e assim altera o sentido. A palavra “instituição” é utilizada como substantivo e o termo “discursiva” como adjetivo, essa separação modifica o dizer do texto fonte. Nessa operação parafrástica, o P1 se aventura e se expõe aos riscos, às ciladas interpretativas. Na busca pela transparência do dizer, o P1 acaba por gerar falhas na língua, à medida em que ele não usa o termo Instituição-discursiva em itálico e integrado como uma só palavra, relativizando assim, o sentido do substantivo composto.

Essa operação parafrástica vem acompanhada de uma outra: a supressão da expressão “de alguma forma” presente no enunciado do texto fonte “*instituição-discursiva possui, de alguma forma, duas faces*”, no entanto, o que se vê na escrita do P1 “**Maingueneau (1997) afirma que a instituição discursiva possui duas faces**”, é que P1 usa o verbo **afirmar**, que carrega uma carga semântica de certeza, para referir-se às palavras de Maingueneau. O uso do verbo “**possuir**” não parece ser a melhor palavra, visto que ela atribui valor assertivo ao que foi relativizado no texto fonte pela expressão “**de alguma forma**”. O verbo “**afirmar**” e a supressão da expressão, no AT1 (2018), eliminam a ideia de possibilidade que Maingueneau destaca. Portanto, percebemos que, na busca pela transparência, o P1 adultera o sentido original do texto referenciado.

O movimento dialógico com a palavra alheia envolve preservação e alteração do sentido. Preservar o que parece ser a essência e alterar o que parece menos central é uma operação que deixa ver a interpretação do pesquisador, o cuidado com o discurso de outrem e a paráfrase como uma operação de quem se coloca como filiado a um autor a uma linha de pensamento.

QUADRO (3) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 3

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

Texto fonte/Mangueneau (1997)	P1/AT1 (2018)
<p>Como o termo “instituição discursiva” apresenta o inconveniente de privilegiar os aparelhos e de poder referir unicamente ao aspecto enunciativo, falaremos de prática discursiva para designar esta reversibilidade essencial entre duas faces, social e textual, do discurso. A noção de “prática discursiva” integra, pois, estes dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro o que chamaremos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva.</p> <p>(MAINGUENEAU, 1997, p.56)</p>	<p>Em substituição à denominação “instituição discursiva”, alegando que ela “apresenta o inconveniente de privilegiar os aparelhos e poder referir unicamente ao aspecto enunciativo”, Mangueneau (1997, p. 56) utiliza a expressão <i>prática discursiva</i> para designar a reversibilidade essencial entre as faces social e textual do discurso. Dessa forma, o autor compreende que</p> <p>A noção de “prática discursiva” integra, pois, estes dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro o que chamaremos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva (MAINGUENEAU, 1997, p. 56, grifo do autor).</p> <p>(AT1, 2018, p.188)</p>

Fonte: Mangueneau (1997)

Fonte: P1/AT1 (2018)

No AT1 (2018), que corresponde ao texto parafraseado, o P1 faz um entremeio de citação direta + citação indireta + direta, ou seja, a palavra alheia preservada e separada por aspas, seguida de uma suposta paráfrase. Ocorre uma mistura de vozes, o P1 junta as ideias dele com as de Mangueneau como se uma fosse continuação da outra.

O P1 simula realizar uma aproximação de vozes, faz da paráfrase uma espécie de ilha textual do próprio dizer. Essa ilha, entretanto, é ilusória quando comparamos o fragmento do texto fonte, **“falaremos de prática discursiva para designar esta reversibilidade essencial entre duas faces, social e textual do discurso”**, ao fragmento do texto parafraseado, do AT1 (2018), **“utiliza a expressão *prática discursiva***

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

para designar a reversibilidade essencial entre as faces social e textual do discurso”.

Pela comparação, vemos que as aspas, apenas de modo aparente, marcam as fronteiras entre os discursos, pois efetivamente o que ocorre é uma transcrição do texto fonte, camuflada como esquema de discurso indireto. Ao interpretar o texto fonte, o P1 produz um enunciado que muito se aproxima do original, parecendo até mesmo uma réplica, porque responde e reproduz o texto fonte: é resposta porque todo enunciado é sempre uma atividade responsiva, é reprodução porque a preocupação está em preservar o original e não em arriscar-se a escrever a própria interpretação.

O P1 não faz reformulações produtivas que possam ser caracterizadas como um enunciado autoral. As operações realizadas como paráfrase que deveriam mostrar a inter-relação entre a voz do P1 e o discurso alheio não inserem informações novas, não instauram sentidos sobre uma paráfrase mais produtiva e menos reprodutiva.

QUADRO (4) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 4

Texto fonte/Maingueneau (2008)	P1/AT1 (2018)
Mais valeria definir nosso objeto não como o discurso, mas como <i>prática discursiva</i> , seguindo nisso, em parte a visão de Michel Foucault, que introduz precisamente esse termo para referir-se ao “sistema de relações” que para um discurso dado, regula as localizações institucionais das diversas posições que o sujeito da enunciação pode ocupar. (MAINGUENEAU, 2008, p.136)	A prática discursiva se refere ao sistema de relações que, para um determinado discurso, regula as localizações institucionais das inúmeras posições que podem ser ocupada pelo sujeito da enunciação (MAINGUENEAU, 2008a). (AT1, 2018, p.189)

Fonte: Maingueneau (2008)

Fonte: P1/AT1 (2018)

ISSN: 2359-1064

No quadro 4, o texto-fonte integra o livro *Gênese do Discurso* (2008) de Maingueneau, capítulo que trata do *Discurso à prática discursiva*, e o texto reformulado

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

encontra-se na fundamentação teórica do P1, no AT1 (2018), sessão intitulada *A prática discursiva em Dominique Maingueneau*.

No texto fonte, observamos um diálogo entre duas vozes para tratar sobre *prática discursiva*. A primeira voz é a de Maingueneau, empenhado em definir as práticas discursivas como seu objeto de estudo em seu livro, e para essa definição retoma a voz de Michel Foucault, como vemos em **“Mais valeria definir nosso objeto não como o discurso, mas como *prática discursiva*, seguindo nisso, em parte a visão de Michel Foucault, que introduz precisamente esse termo para referir-se ao ‘sistema de relações’”**. Temos, no texto fonte, um diálogo marcado de Maingueneau com Foucault, tanto pela menção a um nome próprio, como também pelo uso de recursos como as aspas, que tanto colocam sentidos em suspenso quando marcam a presença do discurso citado na escrita de Maingueneau.

O uso da aspa nesse enunciado mostra que o conceito de **“sistema de relações”** não é criado por Maingueneau, há vozes que falam antes e que não podem ser esquecidas, ao contrário, devem ser retomadas pois contribuem para construção dos sentidos que estabelecem o objeto de estudo de Maingueneau. Esse diálogo com Foucault não é um movimento à toa, não é uma retomada impensada, mas uma construção de enunciado pensada para esclarecer porque o objeto de estudo de Maingueneau não é o discurso, mas a prática discursiva, enquanto **“sistema de relações”**.

Explorar o sentido de práticas discursivas também é interesse da pesquisa que estamos analisando. O P1, do AT1 (2018), faz a paráfrase do que diz Maingueneau, mas não considera o diálogo que o Maingueneau estabelece com Foucault. No AT1 (2018), o P1 escreve **“A prática discursiva se refere ao sistema de relações que, para um determinado discurso, regula as localizações institucionais das inúmeras posições que podem ser ocupada pelo sujeito da enunciação”**, nesse enunciado, temos uma citação indireta que retoma o texto fonte - Maingueneau (2008), porém, nessa retomada das palavras do autor fonte, o P1 desconsidera o jogo envolvendo aspas presente no discurso outro, o discurso citado feito por Maingueneau ao tratar sobre o **“sistema de relações”**. As aspas em questão mostra o diálogo de Maingueneau com Foucault, o qual ele traz para dentro de sua discussão. Desconsidera também o modo como a expressão

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

“*práticas discursivas*” aparece no texto fonte. O P1 retira o itálico da palavra *prática discursiva*, de modo que o destaque, dado pelo autor fonte, não é preservado na reformulação do P1, no AT1 (2018) que estamos analisando.

A supressão das aspas e do itálico na mobilização do discurso outro mostra atividade responsiva de um sujeito que não levou em conta as aspas e o itálico como marca de alteridade, comentários localizados (AUTHIER-REVUZ, 2004), movimento dialógico que se estabelece na construção de enunciado científico, na delimitação de sentidos para a construção de um objeto de estudo.

As fronteiras entre a paráfrase e a alusão

O fragmento, do quadro (5) a seguir, foi recortado da fundamentação teórica do P1, do AT1 (2018), do item que discute sobre o letramento enquanto prática discursiva. Nessa sessão do artigo, particularmente, a presença do discurso outro se mostra a partir do que chamamos, considerando os estudos de Miranda (2020, p.127), de alusão, nas palavras da autora: “Quando o sujeito faz alusão a um ‘outro’ discurso, não diz claramente a quem está referindo-se, mas faz insinuações contextuais de menção a esse outro, que é exterior ao discurso”.

Trata-se de um tipo de incorporação do discurso alheio que fundamenta teoricamente a escrita acadêmica, sem uma identificação explícita, sem uma marcação da voz alheia na materialidade textual, porém diante das operações que se refere à mobilização de conceitos, teremos indícios que funcionam como pistas alusivas. Uma dessas pistas são os termos que circulam como conceitos teóricos forjados por autores mobilizados na escrita e uma pesquisa.

QUADRO (5) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 5

P1/AT1 (2018)

ISSN: 2359-1064

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

Podemos dizer que a prática de letramento que o configura é formada por um conjunto de enunciados agrupados sob posicionamentos ideológicos marcados – que a reforçam – e assumidos pelo aparelho institucional escolar e pelos sujeitos que a ele se filiam, formando a comunidade discursiva escolar. Tais posicionamentos estabelecem o sistema de regras semânticas e as superfícies discursivas que agrupam os enunciados que pertencem e emolduram as formações discursivas do letramento escolar.

(AT1, 2018, p.191)

Fonte: P1/AT1 (2018)

Nesta seção do artigo analisado, o P1 busca aproximar os Estudos do Letramento a conceitos da Análise do Discurso, partindo dos estudos de Dominique Maingueneau. Nesse fragmento, temos um diálogo do P1 com autores mobilizados na fundamentação de sua pesquisa. A retomada das vozes não acontece a partir dos esquemas de discurso citado, nos quais observamos a identificação nominal dos autores, a retomada acontece pelo entrelaçamento de vozes não nomeadas, que se mostra por operação de alusão. Na alusão, o pesquisador recupera a voz de outrem sem indicar a fonte, porém, é possível perceber indícios sobre os discursos convocados a partir do uso de palavras que recuperam conceitos teóricos.

Nesse fragmento, o P1 não só traz a voz dos autores que discutem sobre letramento e a voz de Maingueneau, mas ele também fala, se coloca como aquele que leu e compreendeu o que essas duas áreas de pesquisas dizem e faz o cruzamento entre o conceito de prática de letramento com a prática discursiva, a fim de chegar ao seu objetivo de pesquisa.

Ao realizar aproximação entre o letramento e a prática discursiva, o P1 deixa pistas de que na construção de seu enunciado, a alusão foi a estratégia utilizada para construir o seu discurso quanto alguém que leu e compreendeu esses conceitos, responde ativamente às vozes convocadas e mostra um discurso com um tom autoral de quem se empenha em fortalecer os estudos do letramento escolar pela construção de aliança entre autores de áreas diferentes.

Os conceitos chaves “**práticas de letramentos**” e “**práticas discursivas**”, cruzados pelo P1 em seu enunciado, recuperam um exterior teórico que fundamenta o

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

discurso do P1, embora não esteja explícita em seu enunciado a voz referente a esse discurso retomada por ele. Vemos indícios dessa alusão quando o P1 sinaliza essas duas ideias que em linhas gerais não nasceu com ele, mas que é referente a um discurso que já está materializado e circula, que é o discurso de Maingueneau sobre práticas discursivas e de Street (2006) sobre práticas de letramento as quais são mencionadas no discurso do P1 sem uma identificação nominal dos autores fonte. No entanto, o P1 toma para si esses conceitos vindos de um campo discursivo específico e reproduz em seu enunciado.

O enunciado recortado evidencia como o P1 engendra as vozes em sua escrita e assume posições enunciativas diferentes na construção do texto. Esta retomada, não marcada, por meio de alusão, mostra como o P1 se aventura com o texto lido e se coloca como filiado a Maingueneau ao fazer aproximações teóricas entre essas duas vozes.

O fragmento recortado mostrou que essa foi a estratégia que o P1 encontrou de aproximar a voz do letramento, a de Maingueneau e a dele mesmo, a voz de um pesquisador que articula para gerenciar ponto de vista teórico e, a partir dessa estratégia, o P1 tem um movimento que vai indicando o jogo da filiação teórica.

Essas explicações mostram os limites de retomada da voz de outrem, seja pela paráfrase ou pela forma de alusão, ambas estratégias linguístico-discursivas revelam o diálogo com a voz do outro, a relação que o P1 estabelece com conhecimentos já produzidos, a interação com outros discursos.

Considerações finais

Esta pesquisa iniciou-se com a proposta de olharmos para a escrita acadêmica de periódicos científicos maranhenses, exclusivamente, olharmos para a revista *Littera*, a fim de analisar as formas de discurso citado, especificamente, fazer uma parada reflexiva para a paráfrase e indícios de alusão ao discurso outro, buscando entender como aquele que escreve mobiliza conceitos, dialoga com a voz de *outrem*, para a construção do seu enunciado e para mostra-se filiado a uma linha de pesquisa. Em busca de respostas a essa proposta, analisamos um artigo científico, publicado em 2018, da área de Letras, que trata do letramento escolar a partir da filiação a Maingueneau, que aproxima os

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

estudos da Análise do Discurso e da Educação. A análise nos possibilitou observar que as operações parafrásticas para marcar a filiação envolvem um jogo de forte aderência à palavra alheia, que paralela à paráfrase estão os jogos de alusão que sinalizam para o gerenciamento de vozes em uma posição de menos aderência e mais autonomia.

Na investigação, levantamos categorias de análise que estão relacionadas a nossa dúvida sobre o que as operações linguísticas-discursivas dizem do processo de produção de escrita do P1 (Pesquisador 1). Buscamos mostrar, a partir das três categorias levantadas: a ligação a autores que discutem o letramento, o diálogo delimitado com Maingueneau e as fronteiras entre a paráfrase a alusão, que existem diferentes formas do pesquisador mobilizar conceitos na escrita científica, dialogar com o discurso outro, mostrar sua interpretação e construir um enunciado responsivo tanto à esfera da cultura acadêmica, que solicita do pesquisador a retomada de estudos realizados para elaboração de novos enunciados, quanto à linha de pesquisa a que coloca-se como filiado, em relação à qual se propõe a produzir conhecimento.

No jogo interpretativo, a paráfrase é uma operação que fala não só sobre os autores citados, mas fala também sobre como o pesquisador mobiliza a palavra do outro para se mostrar como filiado e produzir uma escrita aceita como produção de conhecimento científico. Nesse processo, vimos que para se colocar como filiado a uma área de estudos, o pesquisador fez dois grandes movimentos: o primeiro de aderência ao discurso citado, a partir do qual o pesquisador gruda-se à palavra, de Maingueneau e de autores da teoria do letramento escolar. O pesquisador delimita a voz da cultura acadêmica, da linha de pensamento, para a partir da citação expor uma posição que deveria ser analítica e de busca da palavra própria, mas o que conseguimos observar nas categorias foi: *a ligação a autores que discutem o letramento e o diálogo delimitado com Maingueneau*, como uma réplica de continuidade que preza pela preservação das palavras que o autor fonte enuncia. Desse modo, percebemos que a tensão em dizer se sobrepõe à autonomia em mostrar a interpretação do pesquisador por suas próprias palavras, ele se prende às palavras desse autor fonte e não se arrisca na aventura de um dizer mais autoral.

O segundo movimento de mobilização da palavra alheia, que acontece paralela à paráfrase, trata-se da alusão, da retomada do discurso outro sem a identificação nominal.

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

A alusão mostra o movimento interpretativo de mais autonomia do pesquisador, a partir da articulação entre as áreas de conhecimentos diferentes, ou seja, acontece a partir do cruzamento que o pesquisador faz entre as áreas: Educação e Análise do Discurso. Nesse cruzamento, vemos um envolvimento maior do pesquisador com os conceitos-chaves do discurso outro, que evidencia um movimento mais autoral. É como se o pesquisador se apropriasse do discurso outro e, isso implica correr os riscos da compreensão e produção do próprio dizer. Esta foi uma estratégia para mostrar proximidade com a teoria a que se filia para produzir conhecimento.

Os arranjos linguístico-discursivos, paráfrase e alusão, aqui apresentados mostraram a posição enunciativa do sujeito enquanto filiado a uma linha de pensamento teórico, uma filiação que vai acontecer não só a partir de uma convocação de autores de um mesmo campo, mas marcada por alianças com outros campos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6026 – Informações e documentação: Referências: Elaboração**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Estética da criação verbal**. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin/José Luiz Fiorin**. 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018. p.160.

FRANÇA, Katia Cilene Ferreira. **A filiação teórica na escrita do pesquisador em formação**: uma análise sobre a genealogia do dizer acadêmico pelas formas da língua. Natal, 2018. 178f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, p.176, 2018.

ISSN: 2359-1064

FUCHS, Catherine. **A paráfrase linguística**: equivalência, sinonímia ou reformulação? Cadernos de Estudos Linguísticos. Tradução de João Wanderlei Geraldi. Campinas: n.8, p.129 – 134. (1985).

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola. Editorial, 2008.

MIRANDA, Maria Aparecida da Silva. **Articulação de vozes na escrita do pesquisador em formação**: análise de arranjos linguísticos na produção escrita acadêmica. Natal, 2019. 173f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, p.173, 2019.

MORAES, Jonilson Pinheiro. O letramento escolar é uma prática discursiva?. **Littera Online**, São Luís, v.9, n.17, 2018, p.179-200. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre letramento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 8, 2006, p. 465-488. Disponível em: <www.revistas.usp.br/flp/article/download/59767/62876>. Acesso em: 14 abr. 2021.

VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. Língua, linguagem, enunciado. In: **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo – São Paulo: Editora 34, 2017. Parte II, cap. 2, p. 173 200.

Como citar este artigo (ABNT)

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F. **Escrita acadêmica: atividade dialógica do pesquisador**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 8, n. 1, p. XXX-XXX, 2021. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

LIMA, I. S.; FRANÇA, K. C. F. **Escrita acadêmica: atividade dialógica do pesquisador**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Recebido em: 08/01/2021

Aprovado em: 21/06/2021

Publicado em: 01/07/2021

ISSN: 2359-1064

